

Aparelho “lê” pressão intracraniana

Criado por cientista brasileiro, Brain4Care já é empregado no Hospital Sírio Libanês, nas redes D’Or e Ímpar

Por Rosângela Capozoli — Para o Valor, de São Paulo

27/09/2019 05h01 · Atualizado há um dia

Um pequeno equipamento inventado por um pesquisador brasileiro pode revolucionar a clínica médica ao “ler” a pressão intracraniana do lado de fora do crânio do paciente. Até então, a pressão no interior do crânio só era possível de ser avaliada com a craniotomia, uma abertura na cabeça para a colocação de um sensor.

Ao desenvolver um método não invasivo, o Brasil pode estar inaugurando uma outra medida de sinal vital, além daquelas conhecidas, como o pulso, a temperatura, a frequência respiratória, a pressão arterial e a dor. O aparelho, batizado de Brain4Care, já é empregado no Hospital Sírio Libanês e hospitais da Rede D’Or e da Rede Ímpar. “Temos contratos com 23 hospitais”, diz Plínio Targa, CEO da startup Brain4Care.

A descoberta é do cientista Sergio Mascarenhas de Oliveira que, 14 anos atrás, se submeteu a uma abertura no crânio por conta de uma hidrocefalia, acúmulo de líquido no interior do cérebro. Na época com 77 anos, físico e químico na Universidade de São Paulo em São Carlos, Mascarenhas questionava a ideia de que a estrutura do crânio era rígida e não permitia que a pressão fosse medida do lado de fora.

O cientista costuma relatar que se inspirou na maneira como engenheiros medem a pressão de uma estrutura de aço ou concreto, simplesmente colocando um chip

eletrônico na viga em questão. Concluiu então que, se fizesse a mesma coisa instalando um chip do lado externo da cabeça, sem precisar da craniotomia, poderia da mesma forma medir uma deformação ocorrida no interior do cérebro. Deu certo. O aparelho é composto por uma espécie de faixa presa à cabeça com sensores que medem a pressão, além de um monitor que mostra os resultados do exame. Aos 91 anos e em plena atividade, ele costuma dizer que “uma doença maldita gerou um resultado bendito”.

O Brain4Care obteve a certificação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), pré-requisito para sua entrada no mercado. “ Pretendemos estar no mercado americano já em 2021”, diz. A empresa investiu cerca de US\$ 5 milhões captados por um fundo próprio.